

Noções de expressões espaciais nas línguas Aruák faladas no Noroeste Amazônico: o caso das adposições locativas

Camille Cardoso Miranda

Museu Paraense Emílio Goeldi, Brasil

Universidade Federal do Pará, Brasil

<https://orcid.org/0000-0002-3920-6247>

Ana Vilacy Galucio

Museu Paraense Emílio Goeldi, Brasil

<https://orcid.org/0000-0003-0168-1904>

ABSTRACT: This paper analyzes the spatial adpositions in three Aruák languages (Baniwa, Tariana and Warekena) spoken in the northwest Amazon, more specifically in the city of São Gabriel da Cachoeira, in the state of Amazonas (Brazil). In this article, the analysis of the semantic representation of space is based on the semantic typology and grammar of space. The semantic representation of motion events is divided into two semantic domains: the static location expression, which refers to an event that does not involve background motion, and the dynamic one that involves motion. These two types are analyzed in this study, based on data collected in previous academic works on the three investigated languages. As a result, we found that static adpositions are predominantly more recurrent, totaling 32 types while dynamic spatial adpositions occur in only 5 cases. In addition, we also verified adpositions that have a more morphosyntactic function, occurring in total in 11 cases, the most common types are the comitative and instrumental and the beneficent. The adpositions analyzed in this study do not regularly exhibit cognates, occurring only in three cases. In short, this paper is just a preliminary investigation of the analysis of space grammar in three Arawak languages, with the aim of being a first step towards a more comprehensive study on this topic in the languages of the Arawak family.

KEYWORDS: Space grammar; Spatial adposition; Linguistic typology; Arawak languages

RESUMO: Este artigo tem como tema a análise de adposições espaciais em três línguas Aruák (Baniwa, Tariana e Warekena) faladas no noroeste amazônico, mais especificamente no município de São Gabriel da Cachoeira, no estado do Amazonas (Brasil). Neste trabalho, a análise da representação semântica do espaço baseia-se na tipologia semântica e gramática do espaço. A representação semântica dos eventos de movimento é dividida em dois domínios semânticos: a expressão de localização estática, que se refere a um evento que não envolve movimento do fundo, e a dinâmica que envolve movimento. Esses dois tipos são analisados nesse estudo, a partir dos dados que foram coletados em trabalhos acadêmicos das línguas investigadas. Como resultado, verificamos que as adposições estáticas são, predominantemente, mais recorrentes, totalizando 32 tipos enquanto as adposições espaciais dinâmicas, ocorrem apenas em 5 casos. Além disso, verificamos também adposições que têm uma função mais morfosintática, ocorrendo no total em 11 casos, os tipos mais comuns são o comitativo e instrumental e o benefactivo. As adposições analisadas nessa pesquisa não exibem regularmente cognatos, ocorrendo apenas em três casos. Em suma, esse artigo é apenas um recorte preliminar da análise da gramática do espaço em três línguas Aruák, com o intuito de ser um primeiro passo para um estudo mais abrangente sobre esse tema nas línguas da família Aruák.

PALAVRAS-CHAVES: Gramática do espaço; Adposições espaciais; Tipologia linguística; Línguas Aruák

1. Introdução

O artigo trata sobre adposições que se referem às expressões de noções espaciais em três línguas Aruák faladas no noroeste Amazônico: Baniwa, Tariana e Warekena. Sendo elas o ponto de partida, iniciaremos primeiramente uma descrição das adposições dessas línguas, observando principalmente os tipos de adposições e sua distribuição nas sentenças. Em seguida, faremos uma análise dos padrões adposicionais encontrados, comparando as

regularidades e diferenças, para assim estabelecer tendências tipológicas que possam contribuir para um estudo mais elaborado da gramática espacial não apenas nas línguas em análise, mas também em outras línguas Aruak e línguas indígenas no geral. Além disso, como demonstraremos nas seções posteriores não há tanto cognatos relacionados às adposições, nas línguas analisadas, o que evidencia a importância de pesquisas futuras com outras línguas Aruák sobre a gramática do espaço e linguística comparativa.

A escolha destas três línguas deve-se ao fato de elas fazerem parte de um mesmo subgrupo ‘Alto Rio Negro’ (Aikhenvald 1999) e também por contarem com uma descrição gramatical sistemática sobre as adposições. O foco deste artigo é categorizar as adposições conforme suas noções semânticas do espaço, a saber noção estática e noção dinâmica, e também conforme suas funções morfossintáticas.

O artigo, além desta introdução (§1), apresenta mais três seções. A segunda seção (§2) apresenta informações do contexto linguístico das línguas Aruák faladas no noroeste Amazônico. Em seguida, na terceira seção (§3), tratamos dos conceitos sobre a gramática do espaço com foco nas adposições, suas propriedades morfológicas e semânticas e sua função como referentes de noções espaciais nas línguas selecionadas; na quarta e última seção (§4) analisamos os padrões tipológicos encontrados sobre adposições espaciais nessas línguas e suas contribuições aos estudos sobre a gramática do espaço.

2. Contexto linguístico das línguas Aruák faladas no Noroeste Amazônico

2.1 O contexto linguístico do noroeste amazônico

A amazônia é geograficamente espalhada em diferentes países da América do Sul: Brasil, Bolívia, Colômbia, Equador, Guiana, Guiana Francesa (departamento ultramarinho francês), Peru, Suriname e Venezuela. Em toda a região amazônica, além das línguas trazidas pelos colonizadores e demais imigrantes, existem também as línguas dos povos originários. Em se tratando do Brasil, são faladas aproximadamente 150 línguas indígenas agrupadas em dois grandes troncos linguísticos (Macro Jê e Tupi), em 12 famílias (Aruák, Karib, Pano, Tukano, Arawá, Naduhup (Maku), Nambikwara, Txapakura, Yanomami, Borá, Guaikurú e Mura-Pirahã), e existem também sete línguas isoladas (Aikanã, Kanoê, Kwazá, Irântxe (Mynký), Trumai, Tikuna¹ e Guató²), além de línguas crioulas faladas no Norte do Brasil, na fronteira com Amapá e Guiana Francesa (Galibí Marworno (Galibí de Uaçá) e o Karipuna do Norte (Karipuna do Amapá)). Dentro dessas cerca de 150 línguas, uma grande parte concentra-se no noroeste amazônico.

Segundo Chacon e Cayón (2013), a região central do Noroeste Amazônico pode ser inicialmente vista como multilíngue pelo número total de línguas existentes. São ao todo cerca de 29 línguas, das quais 13 são da família Tukano, 7 da família Aruák, 4 da família Naduhup, além do Kákua (família Kákua-Nukak), Karihóna (família Karib), Nheengatu (família Tupí-Guaraní), Português e Espanhol (família Românica). Como se vê além de multilíngue, essa região abriga ainda uma alta diversidade linguística filogenética, isto é, um alto número de famílias linguísticas (Chacon e Cayón 2013).

¹ Aqui está colocada como fazendo parte de uma língua isolada, contudo, estudos recentes exibem evidências que vão contra às classificações de que a língua Tikuna não faz relação com outras línguas. Carvalho (2009) exhibe evidências de relação genealógica entre as línguas Tikuna e Yurí (extinto) e Seifart e Echeverri (2014) mostram evidências de relação com o idioma Carabayo.

² Estudos anteriores (Rodrigues 1970) classificavam a língua Guató como parte do tronco Macro-Jê, contudo, a língua está sendo agora listada como isolada, ver, por exemplo, Epps e Michael (2023), pois não há evidência que seja Macro-Jê, como pensado antigamente. Um estudo recente realizado por Nikulin (2020) também afirma que Guató não tem evidências concretas que possam afirmar que a língua faz parte do tronco Macro-Jê.

A questão da exogamia linguística³ tem uma relevância especial para a etnografia dos Tukano oriental e Aruák. Epps e Salanova (2012: 25) destacam que a região do Vaupés é altamente multilíngue no noroeste da Amazônia, onde a exogamia linguística promoveu uma prática de evitação do empréstimo lexical, já que os falantes resistem à mistura linguística, mas teve como consequência uma grande convergência de categorias e construções gramaticais. De acordo com Epps e Salanova, nessa região, as línguas Tukano orientais influenciaram o Tariana (Aruák), o Hup e o Yuhup (Naduhup), e o Kakua; e o Baniwa (Aruák) influenciou o Kubeo (Tukano oriental). Epps e Stenzel (2013) argumentam que essas línguas são parte de um complexo sistema cultural e linguístico no Alto Rio Negro.

As línguas investigadas neste trabalho, Baniwa, Tariana e Warekena, são faladas no noroeste Amazônico, em diferentes localidades do município de São Gabriel da Cachoeira. Elas são pertencentes à família Aruák. Essa família abarca cerca de 40 línguas distribuídas geograficamente em diferentes países da América do Sul e na América central, como o Garifuna conhecido também como *Black Carib*.

Entre as três línguas selecionadas para esse estudo, apenas, Baniwa exibe um número considerável de falantes, já que a maioria dos Baniwa fala a língua Baniwa ou seu dialeto Koripako, infelizmente, o mesmo não pode ser considerado em relação ao Tariana e ao Warekena, que são línguas que apresentam um alto risco de vulnerabilidade, principalmente o Warekena do qual não se sabe ao certo se ainda há falantes. Na verdade, a maioria dos estudos revela que os falantes do Warekena estão substituindo a sua língua materna pelo Nheengatu.

Já a língua Tariana exibe um dado de aproximadamente 100 falantes (Aikhenvald 2018), porém, por conta da exogamia linguística, ela está sofrendo bastante influência da língua Tukano, o que faz com que os falantes mais jovens dessa língua aprendam Tukano e não mais Tariana. Esse contato linguístico influenciou altamente a gramática da língua Tariana, já que a interação entre falantes de línguas diferentes levou aos empréstimos lexicais e mesmo à adoção de novas estruturas e categorias gramaticais, tal como a evidencialidade, um fenômeno comum nas línguas da família Tukano, mas não das línguas que compõem a família Aruák (Aikhenvald 2018).

Segundo Meira (2018), os povos Aruák do noroeste Amazônico vivem tradicionalmente ao longo dos rios Içana (Baniwa) e seus tributários Aiari e Cuiari; no médio e alto rio Negro/Guainía e seus tributários, Xié (Warekena) e Uaupés (Tariana) e no alto Orinoco (dialeto Koripako)⁴ e seus afluentes. Segundo Ramirez (2001a), Baniwa, Tariana e Warekena formam o subgrupo Aruák denominado “Divisão Japurá-Colômbia” (Ramirez 2001a: 3). Todas essas três línguas exibem uma descrição gramatical, as descrições de Tariana e Warekena foram realizadas por Aikhenvald (1998, 2003).

2.2 Trabalhos linguísticos das línguas de análises

Para a realização desta pesquisa, consultamos estudos descritivos, ensaios gramaticais, artigos e teses que tratam da morfossintaxe dos três idiomas investigados.

Para realizar a análise das adposições espaciais na língua Baniwa, utilizamos o estudo de Ramirez (2001b), intitulado “*Gramática Baniwa-Koripako*”. Esse estudo trata de diferentes aspectos fonológicos e gramaticais dessa língua e traz uma análise consistente sobre as adposições em Baniwa. Para a língua Tariana, utilizamos uma gramática descritiva (*Grammar of Tariana*) realizada por Aikhenvald (2003). Esse estudo trata sobre diferentes aspectos linguísticos da língua, incluindo as adposições. E por fim, para a língua Warekena, utilizamos

³ Chacon e Cayón (2013: 8) explicam que exogamia linguística se refere ao fato de que cada grupo étnico na Região tende a falar uma língua própria, e a organização social desses grupos proíbe casamentos dentro de um mesmo grupo étnico, o que implica em que a esposa e o marido formem um casal bilíngue.

⁴ Variação dialetal da língua Baniwa de Içana.

um ensaio gramatical desenvolvido por Aikhenvald (1998) que trata de diferentes aspectos fonológicos e morfossintáticos e entre eles as adposições. Todos esses estudos abordam as adposições com um foco para morfossintaxe e poucas são as menções sobre elas em sentido espacial. Deste modo, este trabalho torna-se importante, pois traz um olhar mais funcional, ou seja, considerando o aspecto semântico, das adposições.

3. A gramática do espaço: Uma análise preliminar em três línguas Aruák faladas no noroeste amazônico

Antes de iniciarmos a análise sobre as adposições que expressam noções espaciais nas línguas de análise, é importante, compreender as noções fundamentais sobre a gramática do espaço, a importância desse estudo na tipologia e a causa de este ser um tópico bastante discutido na linguística atual.

Diferentes estudos linguísticos que tratam da gramática do espaço (doravante GE), tais como os de Talmy (2000a; 2000b); Levinson (2004); Levinson e Wilkins (2006); Hickmann e Robert (2006); Vandeloise (2006); Guerrero-Beltran (2019); Rhee (2021) e Ospina-Bozzi (2013) atestam a diversidade translíngüística na expressão do espaço. Levinson e Wilkins (2006) apresentam um panorama de línguas que expressam topologia, movimento e quadros de referência a partir de critérios gramaticais e semânticos.

Segundo Hickmann e Robert (2006: 01) é de particular interesse estudar a expressão linguística do espaço, uma vez que as línguas parecem captar e tornar explícitas as restrições da experiência na construção da referência espacial. As autoras argumentam que a linguagem confere às representações espaciais um destaque referencial, distinguindo representações produzidas pela nossa experiência perceptiva do espaço, como também permite que os falantes se dissociem e escolham os diferentes componentes da referência espacial para que assim possam expressá-los em diferentes sentidos (temporais, causais, argumentativos).

Para Levinson e Wilkins (2006), a tipologia semântica estuda os parâmetros semânticos que estruturam a gramática do espaço e o léxico. Especificamente, os estudos semânticos dentro da tipologia centram-se na GE, considerando o espaço como um domínio semântico. Nesse sentido, os autores propõem que não existem universais superficiais na expressão linguística do espaço, mas a comparação translíngüística pode revelar padrões semânticos. Aikhenvald e Dixon (2017: 6-8) estabelecem uma classificação de estudos tipológicos que é relevante para esta pesquisa devido à falta de consenso na tipologia do espaço, são eles: *tipologia intralingüística e tipologia extralingüística*.

A *tipologia intralingüística* envolve a comparação de características de uma língua com traços semelhantes de outras línguas, em termos de um conjunto definido de parâmetros teóricos. Assim sendo, pode-se estudar estruturas internas, tipos de construções e mecanismos. Metodologicamente, não compara entidades isoladas sem considerar toda a estrutura, sistema, tipo de construção ou mecanismo (Aikhenvald e Dixon 2017). Já a *tipologia extralingüística* envolve fenômenos não linguísticos que podem ser expressos linguisticamente (como tempo, direção, comandos ou fonte de informação), em vez de características ou categorias internas da língua. Nesse sentido, as propostas de Levinson (2004) e Talmy (2000a, 2000b) aproximam-se de uma abordagem extralingüística para estudos que envolvam a GE.

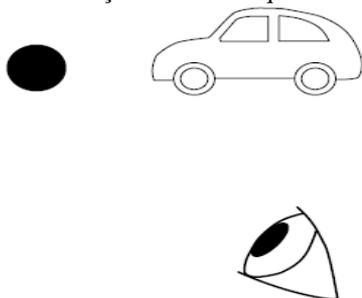
Svorou (1994) argumenta que as línguas fazem uso de um conjunto relativamente pequeno de formas gramaticais fechadas que expressam o espaço. Levinson (2004: 98), destaca que a informação espacial pode ser distribuída ao longo de um enunciado em diferentes categorias gramaticais. O autor ressalta que não há um consenso sobre a existência de uma classe gramatical predominante para expressar a informação espacial, uma vez que a maioria das gramáticas descritivas não fornece informações semânticas detalhadas sobre o espaço. Dentro dessa perspectiva, neste artigo, ao observar as características morfossintáticas das

línguas de análise, verificamos que dentro de diferentes categorias gramaticais que envolvem a GE, os *marcadores funcionais*, tais como as adposições ou marcadores de caso indicam noções espaciais, assim como os demonstrativos.

Semanticamente, a análise do espaço toma o resultado a partir da tipologia semântica e semântica cognitiva. Para Levinson (2004), a representação semântica dos eventos de movimento é dividida entre dois domínios semânticos: *a expressão de localização estática* que se refere a um evento que não envolve movimento e *a descrição de movimento* que envolve movimento e pode ser chamado de dinâmico. Além desses domínios, o autor enfatiza que as noções de expressão espaciais podem ser codificadas em duas formas básicas: na topologia e no quadro de referência. Por topologia, compreendemos que, ela se refere às relações de contiguidade entre os componentes perceptuais (Figura e Fundo).⁵ Ospina-Bozzi (2013a) considera também a relação de contenção (a Figura contida no Fundo) e a relação de contato/apoio entre a figura e o fundo como sendo parte de relações topológicas.

Já o quadro de referência consiste em um sistema de coordenadas. Para Brewer e Pears (1993), o quadro de referência se resume à seleção de objetos de referência, por exemplo: “*coloquei os óculos no meu nariz*” ou “*vou de uma sala para outra*”, o questionamento entre os dois enunciados é: os objetos mudam de localização ou não? Para os autores, isso vai depender do ‘quadro de referência’ – nariz ou sala que está sendo observado. Levinson (2004) categoriza três tipos de quadros de referência. O primeiro tipo é o *intrínseco* que se refere aos lados ou eixos do fundo designados como inerentes. Esses eixos não dependem da posição ou rotação do observador ou de todo o conjunto, em vez disso, eles dependem da rotação do fundo (ex. *na frente* ou *atrás*). O segundo tipo é o relativo que diz respeito aos eixos relativos do fundo. Esses eixos dependem da posição e rotação do observador, eles não dependem da rotação do fundo (ex. *esquerda* ou *direita*). E por fim, o terceiro tipo que é o absoluto, se refere aos eixos que exibem termos de orientação fixa e canônica, como o horizonte visual (ex. *acima de*, *debaixo*, *sobre*). Observem a figura 1 retirada de Levinson (2004: 25):

Figura 1. Descrições de vários quadros de referência



Fonte: Levinson (2004: 25)

Nessa figura, podemos dizer que o referente está olhando para um carro de lado (*referente intrínseco*), com a frente do carro voltada para a esquerda do ego. Mas também, podemos afirmar que a bola está na frente do carro ou que a bola está à esquerda do carro (*referente intrínseco/ relativo*), sem pensar que a bola possa ter mudado de posição. Ademais, também podemos pensar que a bola está em uma orientação fixa, sem movimento (*referente absoluto*). Sendo assim, para o autor, as representações espaciais especializadas nas diferentes

⁵ De acordo com Talmy (2000a: 183-184) os componentes perceptuais são os componentes essenciais da relação espacial, a FIGURA e o FUNDO (em inglês Ground). Para o autor, a figura é o objeto principal do evento do movimento. É uma entidade conceitualmente móvel e saliente com disposição espacial desconhecida ou dependente. O segundo objeto do movimento de evento é denominado FUNDO. É uma entidade com disposição espacial conhecida e independente que caracteriza a disposição espacial da figura. Exemplo: *O livro está sobre a mesa*, o ‘livro’ é a figura e a ‘mesa’ é o fundo (a superfície onde se encontra o livro).

modalidades sensoriais têm cada uma os seus próprios quadros de referência com uma visão operando, fundamentalmente, num quadro centrado no observador ou num quadro centrado no objeto, como observado na figura 1 acima.

Se levarmos em conta às propriedades morfossintáticas, podemos observar que as informações topológicas e o quadro de referência estão dentro do próprio sintagma nominal de referência ou em verbos locativos, e também podem ser expressos por adposições dentro de uma sentença ou por meio de casos nominais, como o locativo. Agora, observe um exemplo com a língua Aranda – Língua nativa da Austrália, onde a noção de espaço está codificada em um caso, o locativo.

- (1) Panikane-Ø tipwele akertne-**le** aneme
 Xícara-NOM mesa super.adjacente-LOC sentar.se
 ‘The cup is on the table.’
 ‘A xícara está sobre a mesa’ (Levinson 2004: 100)

No exemplo (1) acima podemos observar que o sufixo **-le** (em negrito) está codificando o caso locativo e fazendo referência a um espaço que o objeto está em relação a um referente. Levinson explica que neste caso temos uma língua sem adposições e o caso locativo é usado para expressar a noção de espaço. Para especificar melhor a natureza do terreno, ocorre um nominal espacial denominado “*super adjacente*”, uma vez que abrange as noções “ligado” e “sobre” (Levinson 2004). Em consonância com o autor, temos os seguintes tipos de classe de forma envolvidas na codificação de relações espaciais topológicas (e outras) nas línguas em gerais:

- (2) Categorias gramaticais que expressam noções espaciais
- i. Casos locativos
 - ii. Adposições
 - iii. Nominais espaciais
 - a. Nominais relacionais
 - b. Advérbios nominais

(Levinson 2004: 103)

Levinson (2004: 103) afirma que todos esses três tipos principais de classes gramaticais envolvidas na codificação de relações espaciais topológicas consistem em uma categoria fechada, embora em muitas línguas se possa derivar recursivamente muitos relatores espaciais, por exemplo, aplicando caso a adposições (como em Turco), ou caso a nominais espaciais (como em Arrente), ou adposições a nominais espaciais (como em preposições complexas em inglês como *in front of*). Para o autor, algumas línguas não possuem casos (ex. inglês), ou adposições (como Arrente ou Gugu Yimithirr), enquanto algumas utilizam todos os três tipos (como turco ou húngaro).

Levinson argumenta que em algumas ocorrências há dificuldade em distinguir entre alguns desses tipos e as descrições gramaticais da mesma língua (como o Tamil), trazendo uma inconsistência na análise. Isto ocorre em parte porque existe uma cadeia de gramaticalização, pela qual os nominais espaciais evoluem para adposições e as adposições para casos (Levinson 2004). Por causa disso, todas as línguas desenvolvem repertórios ricos de meios para expressar espacialidade em diferentes aspectos linguísticos, como é o caso das adposições, assunto que será tratado na subseção a seguir.

locativos e podem tomar marcadores de transreferência de pessoa, como visto nos exemplos acima.

Rhee (2021) afirma que no *continuum* entre o léxico e a gramática, as adposições estão, em grande parte, localizadas perto do final do polo de gramaticalidade, embora não exibam homogeneidade intracategorial. Assim, muitas adposições podem ter fluidez categorial, não sendo uniformes na forma. A heterogeneidade leva a termos diversos para referir-se às adposições e às formas afins. Alguns autores usam a distinção entre adposições primárias e compostas. As primeiras são aquelas de forma curta (monomorfêmicas) e sincronicamente opacas em relação à construção de sua fonte. Portanto, se uma adposição historicamente envolveu múltiplos morfemas que são sincronicamente não reconhecíveis, ela é incluída nas adposições primárias. Já as adposições compostas são aquelas que consistem em duas palavras ou dois morfemas.

Semanticamente, as adposições podem fazer referência para relações espaciais, envolvendo dois ou mais objetos. Na verdade, “aquilo que experimentamos como *o espaço*, em que estão localizados todos os objetos, é um sistema infinitamente complexo de relações” (Blühdorn 1999: 37). As adposições apresentam relações intrínsecas (quadro de referência) e contextuais. A primeira, diz respeito a dois objetos que podem assumir um mesmo espaço (*ex. O livro está sobre a mesa*). Nesse caso, a adposição indica que a figura está tocando no fundo. Nesse sentido, quando há uma relação intrínseca, a entidade situada está imediatamente próxima do observador (ou seja, do falante ou ouvinte), que funciona ao mesmo tempo como entidade de referência.

As relações intrínsecas são caracterizadas pelos seguintes traços semânticos: [campo], [distância], [dimensão] e [direção]. Esses traços referem-se, principalmente, às relações intrínsecas entre a entidade situada e a entidade de referência. Elas estão interligadas entre si por uma hierarquia sistemática: [campo] é o traço menos específico, que menos determina a localização da entidade situada; [distância] restringe mais as possibilidades de localização, [dimensão] ainda mais, e [direção] fornece a maior restrição (Blühdorn 1999: 60). As adposições podem indicar afastamento (campo externo e/ou distância longa) e são combinadas com medidores que definem mais exatamente o grau de afastamento (Blühdorn 1999: 60). Já as relações contextuais envolvem uma orientação extrínseca que caracteriza o fato de que a entidade de referência e o observador não são idênticos. Blühdorn (1999) afirma que as relações contextuais podem assumir dois valores: ou a entidade de referência e o observador são idênticos ou são entidades distintas. Vejamos um exemplo em Baniwa.

- (6) Baniwa
 No-iroita-ka no-shapéwa-ni méedza ***iika***
 1SG-pendurar-SUB 1SG-chapéu-POSS mesa POSP
 ‘Eu pendurei o meu chapéu em cima da mesa.’

Ramirez (2001b: 129)

No caso em (6), a posposição *iika* (em negrito) ‘em cima de’ em sua interpretação extrínseca indica que o chapéu se encontra numa determinada posição em relação à mesa, o verbo pendurar indica que a figura (ou seja, o chapéu) não está tocando o fundo, ou seja, não há uma relação intrínseca, já que não há contato. As relações extrínsecas são relações contextuais que vão ser definidas de acordo com o ponto de referência do observador ou do objeto referido, podendo ou não ter uma distância, tocar ou se movimentar para uma direção, quando há um afastamento nas relações contextuais, mantém-se uma situação extrínseca (Blühdorn 1999).

Dentro dessas relações, quando estudamos a questão do espaço, este é altamente ligado por dois tipos de situações, são elas: *estáticas* e *dinâmicas* que, envolvem a figura que é fixa

em relação a um fundo (situação estática) ou aquela que está em movimento ou em deslocamento e mudança do espaço (situação dinâmica). No exemplo em (6) a relação é estática, uma vez que não há movimento, isto é, a figura está fixa no mesmo lugar. Se caso houvesse um deslocamento de espaço, a adposição seria considerada dinâmica. Além disso, quando há um deslocamento, mas sem a mudança do espaço, isto é do fundo, a adposição analisada pode ser considerada como uma relação estática com trocas dinâmicas (Vandeloise 2006).

3.1.1 Relações estáticas e dinâmicas

Ospina-Bozzi (2013: 145) destaca que as relações espaciais estáticas são aquelas nas quais uma entidade é localizada de maneira estável no espaço com respeito à outra. A autora classifica as relações estáticas de três tipos: a primeira é a topológica (as relações de contenção e suporte/contato); as de orientação (relações de proximidade nos eixos verticais e horizontais); e as geométricas (relações entre objetos com referência ao centro, borda e periferia da entidade localizadora). De acordo com Levinson (2004), a topologia, na linguística espacial refere-se ao tipo de domínio coberto pelas preposições *em, para, sobre, próximo, entre*, isto é, para noções de coincidência, contato, contenção, contiguidade e proximidade.

A experiência espacial é composta também de ações que envolvem movimentos causados pelas forças e deslocamento de espaço. A palavra *dinâmica* é frequentemente usada para descrever tanto movimento quanto força (Vandeloise 2006). Levinson (2004) ressalta que a descrição do movimento é um ramo importante no domínio espacial. O autor afirma que, como a maioria das descrições locativas, quase todas as descrições de movimento também envolvem referência à localização terrestre e a mudança dessa localização em relação ao espaço.

Ele ainda assinala que existem dois fundamentos cruciais para descrição de movimento: o objetivo (o ponto de referência para o qual o movimento é direcionado) e a fonte (ou o ponto de referência de onde ele se origina). Uma questão importante é a distinção entre movimento e deslocamento que depende da perspectiva do observador. Adiante, verificaremos as adposições espaciais nas línguas de análise, aplicando os conceitos aqui abordados sobre noções de expressões espaciais, principalmente no que diz respeito às noções estáticas e dinâmicas.

3.2 O sistema de adposições espaciais em Baniwa, Tariana e Warekena

As adposições espaciais nas línguas selecionadas codificam vários tipos de relações espaciais da FIGURA-FUNDO. As posposições espaciais incluem: i) aquelas posposições que se referem a certas características semânticas do fundo que codificam relações Figura-Fundo específicas (adjacência e contenção); ii) aquelas que descrevem a orientação da Figura em relação ao Fundo e; iii) aquelas que indicam a distância da Figura em relação ao fundo. O estudo aqui apresentado, apesar de utilizar fontes secundárias, é inédito, uma vez que a maioria dos autores não tratam de adposições dentro da teoria GE, tendo apenas descrições morfossintáticas e não semânticas. Agora, iremos verificar como se dá a noção de expressões espaciais nas línguas Aruák aqui apresentadas.

3.2.1 Baniwa de Içana

Ramirez (2001b) codifica as posposições em Baniwa como sendo derivadas de nomes relacionais. Para o autor, existe uma classe de nomes dependentes que é constituída de termos que designam parte do espaço ou de objeto. Contudo, neste trabalho, iremos dividir os tipos

semânticos das posposições encontradas em Baniwa em três tipos: *estáticas*, *dinâmicas* e *relacionais*, esta última tendo uma função mais morfossintática, uma vez que acompanha o sujeito ou objeto indireto, funcionando como um morfema de ligação e também sendo parte de construções genitivas. O Quadro 1 abaixo exhibe os 12 tipos de posposições encontradas em Baniwa.

Quadro 1. Tipos de posposições espaciais em Baniwa

SEMÂNTICA		RAIZ POSP	GLOSA	
ESPACIAL	Estático	Orientacional	daanami	sombra de
			nako	sobre
			lika	em cima de
			peedza	em frente de
			aapi	embaixo de
			odza	longe de
	Parte do corpo	llico	dentro de	
Dinâmico	Deslocamento	pomi	atrás de (movimento)	
RELACIONAL	Comitativo	apidza/iinai		a, para
	Instrumental	jo		com
	Benefactivo	lhío		a, para

Fonte: Adaptada de Ramirez (2001b: 147-148)

Iniciando a nossa análise com as posposições estáticas, encontramos sete tipos que foram decodificadas por nós com esse tipo, uma vez que não há movimento, ou deslocamento que façam com que a figura mude de posição, isto é, elas estão fixas em relação ao fundo, além disso o espaço é o mesmo. Por exemplo, em (7) abaixo, a posposição *-daanami* faz alusão há uma situação estática, onde dois referentes estão participando do evento. O sintagma pronominal ‘ela’ designa a figura enquanto o sintagma nominal ‘árvore’ designa o fundo e a adposição *sombra da* designa a relação estática da Figura-Fundo.

- (7) *Roema háiko nodáanami*
 ʎo-eema haiko no-*daanami*
 3FEM.SG-Estar pau/árvore 1SG-sombra.de
 ‘ela está na sombra da minha árvore’

(Ramirez 2001b: 146)

O exemplo em (7) descreve um evento no qual a figura está parada em relação ao fundo, não há movimento ou deslocamento, a posposição *-daanami* ‘sombra de’ mostra que a figura, ou seja, o referente está abaixo da árvore, ou seja na sua sombra. Além disso, quando enuncia ‘ela está na sombra da minha árvore’ mostra uma relação intrínseca entre a *sombra* e *minha árvore*, já que a posposição *-daanami* também faz uma alusão direta e intrínseca, uma vez que há contato entre o fundo e a figura.

Outra posposição que exhibe uma noção de espaço em Baniwa é *nako*, como podemos ver nos exemplos abaixo.

- (8) *Aa kepireeni iówhaa háikonako*
 aa kepira-eeeni i-oowha haiko-*nako*
 AUX passáro-DIM NDF-estar árvore-sobre
 ‘O passarinho está sobre a árvore’

- (9) *lihamiñaka hiwawa nonáko*
 li-hamiñá-ka i-hiwa-wa no-**nako**
 3NF.SG-peso-SUB INDF-cair-MED 1SG-sobre
 ‘O peso dele caiu sobre mim’
- (10) *Napatóitakanhoa pántti íwainako*
 na-patoita-ka-nhoa pántti i-wai-**nako**
 3PL-imprensar-SUB-1OBJ casa INDF-parede-sobre
 ‘Imprensaram-me sobre a parede da casa’

(Ramirez 2001b: 149)

O exemplo em (8) mostra uma situação estática em que não há deslocamento/movimento ou força que possa configurar uma situação dinâmica ou cinética. Contudo, nos exemplos em (9) e (10) há trocas dinâmicas, apresentando força que são realizadas a partir do verbo de movimento ‘cair’ e do verbo com sentido de força ‘imprensar’. Assim sendo, poderíamos pensar que *nako* em (9) e (10) é uma posposição com sentido dinâmico, porém, é importante refletir que há algumas trocas estáticas simétricas de energia que podem ser transmitidas sem que haja mudança ou deslocamento da figura em torno do fundo. Além disso, há uma relação de toque imediato sendo expressa através da posposição *nako* ‘sobre’ e seu referente. Há também o mesmo espaço, já que o fundo permanece o mesmo nestes exemplos, por isso, nestes exemplos, *nako* também é considerada uma posposição estática.

A posposição *nako* quando está junto com o caso alativo *-lhe* exprime a noção de “direção voltada para o exterior”. Neste caso, há trocas dinâmicas e assim como vimos em (9) e (10), a situação ainda é considerada estática, uma vez que o fundo ainda permanece o mesmo, como podemos ver em (11) a seguir:

- (11) *Wheraaka iita hiipainakolhe*
 wa-hiraa-ka iita hiipai-**nako-lhe**
 1PL-puxar-SUB canoa terra-sobre-AL
 ‘Puxamos a canoa sobre a terra’

(Ramirez 2001b: 150)

Neste exemplo, a posposição *nako* junto com o caso ablativo exibe uma relação intrínseca no qual, a figura ‘canoa’ está sendo puxada sobre a terra, ocasionando uma força, mas ainda é uma noção estática, pois não há mudança de lugar, como seria em situação do tipo ‘Puxamos a canoa do rio para terra’, por exemplo. Deste modo, é importante pensar que para se ter a dinamicidade, precisaria ter deslocamento de fundo e como não há essa mudança, a noção estática de espaço é considerada em (11).

Os alativos fazem também referência junto com o morfema *-nako* para localização temporal de lugar (Ramirez 2001b).

- (12) *Abrilnakípia, waá Manáolhe*
 Abril-**nako**-pia wa-aa Manaus-lhe
 Abril-POSP-PASS 1PL-ir Manaus-AL
 ‘Em abril (passado), fomos a Manaus’

(Ramirez 2001b: 152)

No exemplo em (12) verificamos que se trata de um lugar estático e situado no tempo, não havendo mudanças ou deslocamentos, sendo assim um exemplo de situação estática.

No que diz respeito aos casos ablativos, eles expressam uma noção de lugar ou direcionalidade. Em Baniwa é expresso pelo morfema *-hite* que se aloca às posposições para indicar uma direção da ação do verbo, como no exemplo em (13) com o verbo ‘voltar’.

- (13) *îna* *îdiakawa* *káidanakhite*
 iina i-dia-ka-wa káida-**nako**-hite
 Mulheres INDF-voltar-SUB praia-sobre-ABL
 ‘As mulheres estão voltando sobre a praia’ (Ramirez 2001b: 150)

Em (13), o mesmo raciocínio é dado como nos outros exemplos (cf. 11-12), uma vez que apesar de haver movimento, é situação estática já que a ‘volta das mulheres’ ainda é sobre o mesmo fundo, isto é, a praia, não havendo mudança de espaço. Ademais, no exemplo não é verificado nenhuma troca de força, isto é, não há trocas de forças quando você anda sobre a praia, mas existiria essa troca se caso houvesse uma força e mudança de fundo (cf. Vandeloise 2006).

Outra posposição que tem uma função estática é *-liko* que exprime a ideia de ‘dentro de, em’. Essa posposição também é encontrada em nomes de partes do corpo humano, quando se refere a algo interior, como podemos ver nos exemplos abaixo:

- (14) *nhódoa* *idéenhika* *kenikeliko*
 No-hadoa i-deenhi-ka kenike-**liko**
 1SG-mãe INDF-trabllhar-SUB roça-em
 ‘Minha mãe está trabalhando na roça’

- (15) *PaNti* *iwakoliko*
 PaNVti i-wako-**liko**
 Casa INDF-abdome-em
 ‘Dentro da casa (lit. no abdome da casa)’

- (16) *Nhitákoliko*
 No-hitako-**liko**
 1SG-Nariz-parte interior
 ‘Narina’

(Ramirez 2001b: 148-149)

Os exemplos acima exibem a posposição *-liko* expressando a noção de estar dentro de um lugar, ou seja, uma relação intrínseca em um campo extremamente interno, dentro de um espaço estático. Quando se refere à parte do corpo humano podemos observar que o composto *hitako+liko*, por exemplo, dá origem a palavra ‘narina’ que também se refere a uma parte interna do nariz.

A posposição *-liko* também pode vir junto com palavras que designam dias da semana, para expressar uma ideia temporal de ‘ficar’, como em (17):

- (17) *Nóemawatsaahã hiipanako miitshalikokhewatsa*
 No-eema-watsa-aaNhV hiipanako miitsha-**liko**-lhe-watsa
 1SG-ficar-FUT-aqui São Gabriel domingo-em-AL-FUT
 ‘Vou ficar aqui em São Gabriel até domingo’ (Ramirez 2001b: 151)

Outra posposição que exprime uma função estática orientacional é *-iikaa* que designa um referente que está ‘em cima de’.

- (18) *Wáadzoli íarakawa dzakálee íikaa*
 waadzololi i-aaʒa-ka-wa dzakalee i-**iika**
 Urubu INDF-voar-SUB-MED povoado INDF-em.cima.de
 ‘O urubu está voando em cima do povoado’
- (19) *Niroitaka notsapéwani méedza iika*
 No-iroita-ka no-shapéwa-ni méedza **iika**
 1SG-pendurar-SUB 1SG-chapéu-POSS mesa em.cima.de
 ‘Pendurei o meu chapéu em cima da mesa’

(Ramirez 2001b: 153-154)

Diferente das posposições *-nako* e *-liko*, podemos perceber que *-ikaa* não traz uma relação espacial de proximidade, sendo um campo externo e apresentando uma situação fixa e não contato entre a figura e o fundo.

Outra posposição é *-péedza* que também exprime uma noção estática onde não há força e nem deslocamento, como podemos ver nos exemplos abaixo.

- (20) *Noema lipedza*
 No-eema li-**pedza**
 1SG-estar 3NON.FEM.SG-antes.de
 ‘Estou em frente dele’
- (21) *Líokawa nopeedzatoa*
 Li-ooka-wa no-**pedza**-toa
 3NON.FEM.SG-chegar-MED 1SG-antes.de-PERST
 ‘Ele chegou ainda antes de mim’

(Ramirez 2001b: 153-265)

Do mesmo modo, a posposição *-aapi* que também tem um sentido orientacional e exprime a noção de “*debaixo, abaixo de*”, tem uma noção estática, como ilustrado a seguir:

- (22) *Tsiino ino iroa noapirhe*
 Tsiino i-no i-rhoa no-**aapi**-lhe
 Cão INDF-1SG INDF-deitar.se 1SG-abaixo.de-AL
 ‘O cão veio deitar-se embaixo de mim’
- (23) *Hiiri iéma jamakati iaapihite*
 Hiiri i-eema jamakati i-**aapi**-hite
 Rato INDF-viver pano INDF-abaixo.de-ABL
 ‘O rato vive debaixo do pano’

- (24) *Iidzáaapi*
 iidza-**aapi**
 Chuva-abaixo.de
 ‘De baixo da chuva’

(Ramirez 2001b: 153)

A última posposição que apresenta uma noção estática é *-odza* e exprime uma noção de relações topométricas. Mani e Pustejovsky (2012) argumentam que a semântica das relações métricas faz parte da relação topológica DC (desconectados), onde a figura e o fundo não se

- (29) *Káako liapídzaphia!*
 Ka+aako li-**aapídz**a-phia
 Falar 3NON.FEM.SG-com-2SG.OBJ
 ‘Fale com ele!’ (Ramirez 2001b: 162)

A posposição *-íinai* ‘com’ funciona para introduzir a função circunstancial de comitativo (acompanhamento), como podemos ver em (30) e (31):

- (30) *Nóaka noitsaleta liinai*
 No-aka no-iitsaleta li-**iinai**
 1SG-ir-SUB 1SG-pescar 3NON.FEM.SG-com
 ‘Vou pescar com ele’
- (31) *Lhia jalánawikeehẽ nodeenhiniitapia*
 lhia jalánawi-ka-iiNV no-deenhi-ni-ita-pia
 Aquele regatão-SUB-DEIT 1SG-trabalhar-NMLZ-CLF:ACHATADO-PASS
iinai
 i-**iinai**
 INDF-com
 ‘Aquele regatão com quem eu trabalhava’ (Ramirez 2001b: 160)

A posposição *jo* ‘com instrumental’ serve para introduzir todo tipo de sintagmas nominais que funcionam como instrumental, como ilustrado nos exemplos (32) e (33) a seguir:

- (32) *Notákhaaka kóitsi inooro malije ijo*
 No-takhaa-ka koitsi i-noojo malije i-**jo**
 1SG-cortar-SUB mutum INDF-pescoço aca INDF-com
 ‘Cortei o pescoço do mutum com a faca’
- (33) *kóa íjo lidzeekáta lhiéna iíta?*
 Koa i-**jo** li-dzeekata lhia-ii-na iíta
 Quê INDF-com 3NON.FEM.SG-fazer aquele canoa
 ‘Com que ele fez aquela canoa?’ (Ramirez 2001b: 162)

E por fim, a posposição *-lhio* ‘para, a’ indica um beneficiário. Ramirez explica que essa posposição possui uma função actancial ou circunstancial (acompanha o objeto indireto, acompanhamento, causa). Para o autor, *-lhio* corresponde à preposição portuguesa “para” e permite que o sintagma nominal que ele rege (ex. ‘a Pedro’) funcione como o actante benefactivo do enunciado, como podemos ver em (34).

- (34) *Nodzeekatheni apadana pántti Pedoro ilhio*
 No-dzeekata-heni apa-dapana pantti Pedro i-**lhio**
 1SG-fazer-PFV um-CLF: HABITAÇÃO casa Pedro INDF-para
 ‘Eu fiz uma casa para Pedro’ (Ramirez 2001b: 157)

Desta forma, observamos que a língua Baniwa exhibe, predominantemente, posposições e elas são muitas vezes estáticas (com trocas ou não dinâmicas) e, em seguida, exhibe

posposições relacionais e por fim dinâmica. Adiante verificaremos as adposições espaciais em Tariana.

3.2.2 Tariana

Aikhenvald (2003) argumenta que as adposições podem ser consideradas uma subclasse dos nomes. Em Tariana, etimologicamente, elas vêm de nomes e de verbos. A autora ressalta que, nessa língua, algumas adposições podem levar o marcador de caso locativo *-le* e o marcador de tópico de objeto não marcado *-nuku*, mas não outros marcadores de caso. Elas não podem ser modificadores ou acionar concordância com classificadores, ou levar um classificador.⁶ Além disso, as adposições, em Tariana, não fazem distinção de número e são uma classe fechada usada como o núcleo de um sintagma adposicional. A maioria são posposições e apenas uma preposição é encontrada nos dados de Aikhenvald (2003), *te* que é empréstimo do português *até*. O Quadro 2 abaixo exhibe as adposições em Tariana.

Quadro 2. Tipos semânticos das adposições em Tariana

SEMÂNTICA			RAIZ ADPOSIÇÃO	GLOSA
ESPACIAL	Estático	Orientacional	itã-ka	em cima de
			setã-ka	em cima de (olhando para cima)
			thaketa-ka	em frente de
			ruku-i-ta-ka	abaixo de
			peya	antes de
			kwa-ka	no meio
			we-ta-ka	para selva
			eda	rio acima
			kwe	rio acima de
			ewhe	no meio, entre
			ithani	próximo
			wika/wika-se	em cima de
			dalipa	próximo de
	manã	meio de (movimento)		
		Parte do corpo	nu-samise	(1sg-costa) atrás de
			nu-yapise	(1sg-embaixo) de baixo de mim
			di-thi-riku-na	(3sg.nf-olhos-locn-aff) perto de
	di-wida-na		(3sg.nf-cabeça-aff) no fim	
	wa-riku-se		(barriga-locn-aff) dentro de	
		nema-na	(boca-aff) na boca de	
	Dinâmico	Distância (locomoção)	ie-riku-se	(ânus-locn-loc) dentro de (indo para dentro de um outro local)
RELACIONAL	Comitativo		aapi	com
	Benefactivo		siu	para
	Causal (Razão/Causa)		pu-mi	por causa
	Lugar		yaphini	em vez de
	Similativo		kayu	como/similar

Fonte: Adaptado de Aikhenvald (2003)

⁶ Em algumas línguas Aruák como Palikur e Lokono há classificadores ocorrendo com adposições (cf. Miranda 2023)

No total, a língua Tariana exibe 26 adposições, sendo a maioria posposição e contendo apenas uma preposição, como já dito anteriormente. Essas Adposições são divididas em dois grupos: espacial e relacional. No que se refere às posposições espaciais, elas são subdivididas em estáticas e dinâmicas. As posposições estáticas incluem aquelas que são orientacionais e fixas no espaço, há também posposições estáticas que são derivadas de parte do corpo humano. Já as adposições dinâmicas referem-se ao movimento e deslocamento com mudança de espaço. A língua também exibe adposições relacionais que são aquelas que têm uma função morfossintática. Todos esses tipos serão bem melhor exemplificados a seguir.

Aikhenvald (2003) divide as posposições em Tariana em diferentes tipos que podem ser derivadas de um aspecto morfossintático ou não. Por exemplo, as posposições *ruku-i-ta-ka* ‘para baixo’, *kwa-ka* ‘no meio’, *we-ta-ka* ‘para selva’, *ïta-ka* ‘para cima de (subindo)’, *seta-ka* ‘para cima de (olhando para cima)’ e *thake-ta-ka* ‘em frente de’ são derivadas de componentes de construção de verbos seriais direcionais (ex. *pendurar, entrar, elevar, atravessar*), todas elas vêm com o morfema subordinador *-ka*. Dentre essas posposições, a autora apenas dá um exemplo desse tipo, com *ruku-i-taka* ‘ir abaixo’.

- (35) Diha *i-ruku-i-ta-ka* alia-pidana kaidoko
 ART INDF-ir.abaixo-CAUS+CAUS-SUB EXIST-REM.PASS.REP praia
 ‘Near (Lit. INDF-go.down + CAUS-CAUS-SUB) it (their house), there was a beach’
 ‘Próximo a casa deles tinha uma praia’ (Aikhenvald 2003: 225)

No exemplo em (35), semanticamente, podemos dizer que perto da casa há uma praia, a sentença exibe uma localização estática entre a figura-fundo, uma vez que a casa (figura) está próximo da praia (fundo) e fixa no local, não havendo deslocamento e mudança de espaço.

A posposição *-peya* é utilizada para fazer referência a uma entidade que foi introduzida antes do discurso, ela tem uma função estática, em um campo interno, mantendo uma relação intrínseca entre os dois objetos que ela liga.

- (36) Na-*peya* di-nu diha
 3PL-antes de 3NON.FEM.SG-ir ele
 ‘He came before them’
 ‘Ele veio antes deles’
- (37) Naha-yana-pe-tupe-nuku di-dia-karu
 Eles-PEJ-PL-DIM:PL-TOP.NON.A/S 3NON.FEM.SG-retornar.VIS.PROP
i-peya-pidana du-a-pidana du-ña-nhi
 INDF-antes de-PASS.REM 3FEM.SG-dizer-PASS.REM 3SG.FEM-ficar-ANT
 ‘Before he returned, she usually said to the naughty little ones’
 ‘Antes dele voltar, ela costumava falar para os pequeninos travessos’
 (Aikhenvald 2003: 225)

Essa posposição vem do verbo *-peya* ‘ser primeiro’ que também é usado em ambientes de construções de verbos seriais (ex. *fazer primeiro, ser primeiro a fazer algo*). Observem que não há um deslocamento, força ou mudança de espaço que possa justificar uma noção dinâmica, por isso, consideramos *-peya* como uma adposição espacial de sentido estático.

Semanticamente, há posposições que são derivadas a partir de nomes para partes do corpo, algumas delas vêm com o marcador de caso locativo *-se* ou marcador de foco não-sujeito *-nuku*. Os exemplos abaixo exibem essas posposições.

- (38) hiniri-na *yapise*-pidana
 Ukuki.árvore-CLF: VERTICAL INDF+embaixo-REM.REP
 di-whe-ta
 3SG.NON.FEM-colocar-CAUS
 ‘He put (the bottle) underneath the urukui-tree.’
 ‘Ele colocou (a garrafa) embaixo da árvore de ukuki’
- (39) Hinipuku *i-thirikuna* di-kulira-pidena
 Jardim INDF-perto de 3SG.NON.FEM-pintar-REM.PASS.REP
 ‘He painted (himself) (having one) near the garden.’
 ‘Ele pintou (ele mesmo) (tendo um) perto do jardim’
- (40) Wakada *ieriku-se* wa:mi wa-sape
 Floresta INDF+na densidade-LOC 1PL+dizer.nom 1PL-dizer
 Kayu di-a-ka-pidana
 Como 3SG.NON.FEM-ir-SUB-REM.P.REP
 ‘After he went into the depths of the jungle.’
 ‘Depois, ele foi dentro da densidade da floresta’

(Aikhenvald 2003: 227)

Os exemplos (38-40) exibem posposições que são derivadas do corpo humano, todas elas exibem um sentido de referenciar a localização da figura em relação ao fundo. Em (38), por exemplo, há um deslocamento e exibe trocas dinâmicas, mas não há força ou mudança de fundo o qual permanece o mesmo, razão pela qual consideramos *yapise* uma posposição com sentido estático com trocas dinâmicas. No exemplo (39) há um sentido intrínseco entre a figura e o fundo, também há deslocamento, contudo não há mudança de lugar e o fundo continua o mesmo (o jardim), considera-se também uma adposição estática com trocas dinâmicas; e por fim, a posposição em (40) exibe uma relação intrínseca entre a imagem e o fundo, contudo há movimento para dentro de um outro local, exibindo uma noção dinâmica, uma vez que o fundo se muda.

Além dessas posposições que derivam de partes do corpo humano, há também outras que também vêm de parte do corpo, mas não carregam o marcador indefinido de trans-referência *i-*, mas recebem um conjunto completo de prefixos nominais (Aikhenvald 2003). Essas posposições já elencadas na tabela 2 são: *wariku-se* (barriga-DIR-LOC) ‘dentro de’, contendo o locativo *-se* e é derivado com o sufixo *riku* ‘direcional’ e tem um sentido de direção. A outra posposição é *numa-na* (boca-AFF) que significa ‘na boca de (um rio)’. Os exemplos a seguir demonstram o uso dessas posposições.

- (41) Dhua hĩtu-kite-nuku pa:pi
 Ela menstruar-TH+NCL:ANIM-TOP.NON.A/S um+CLF:LONGO
 kerimha du-na na-whe-ta pani-si
 mês-PRES.NON.VIS 3SG+OBJ 3PL-ficar-CAUS casa-NON.POSS

Wariku-se upitha-se-nuku
 Dentro-LOC há.muito.tempo-LOC-TOP.NON.A/S
 ‘They used to put the one who was menstruating for the first time inside a house a long time ago.’
 ‘Eles costumavam colocar dentro da casa quem estava menstruando pela primeira vez’

- (42) Ne ñama-pua *numa-na-nuku* pani-si-tiki wa-ni
 Então dois-CLF:RIO boca-AFF-TOP.NON.A/S casa-N.POSS-DIM 1PL-fazer
 ‘Then we made a small house at the mouth of two streams.
 ‘Então nós fizemos uma casinha na boca de dois riachos’
 (Aikhenvald 2003: 228)

Os exemplos acima são posições com sentido estático já que não há movimento ou força sendo utilizada, além disso o fundo é considerado fixo e há uma relação estritamente intrínseca entre a figura e o fundo.

Outros tipos de posições encontradas em Tariana são aquelas que têm um sentido de lugar, são classificadas por Aikhenvald (2003) como adposições não derivadas. São elas: *eda* ‘rio abaixo de’, *kwe* ‘rio acima de, por’, *ewhe* ‘no meio, entre’, *ithani* ‘perto de’ e exibem um sentido estático. Elas ocorrem junto com os prefixos pronominais (incluindo o indefinido *i-*) e marcadas com caso, principalmente o locativo *-se*.

- (43) Di-*eda*-se di-a
 3SG.NON.FEM-abaxio.do.rio-LOC 3SG.NON.FEM-ir
 ‘He went downstream from it (a place)’
 ‘Ele foi abaixo do rio (um lugar)’
- (44) Waha alia-ri *yeda* kwaka
 Nós EXIST.REL INDF+abaixo.do.rio o que
 Numari-pani-si-*kwe*-se kepitana-na
 Nome-casa-N.POSS-por-LOC REL+nome-REM.PASS.VIS
 Puerto Colombia *nha* na:pi Colombiano
 Nome elas 3PL+dizer+REL Nome
 yarupe-ne
 coisa-INS
 ‘Downstream from where are, what’s its name, at the rapids ‘Numadi’, there is a place called Puerto Colombia, in Colombia language (Spanish)’
 ‘Abaixo do rio de onde está, o que se chama, nas corredeiras ‘Numadi’, existe um lugar chamado Puerto Colômbia, na língua colombiana (espanhola)’
 (Aikhenvald 2003: 227)

A posição *-ewhe* tem o sentido estático e significa ‘entre’. De acordo com Blühdorn (1999), a adposição ‘entre’ indica que a entidade situada se encontra num campo semifechado demarcado por dois ou mais objetos de referência (Figura B está entre a figura A e C). Vejamos o exemplo em (45) abaixo:

- (45) Ñama-syawa *i-ewhe* sakamu-ri
 Dois-CLF: FOGO INDF-entre estar.quente-REL
 Deru-pidana
 3SG.NF+ficar-REM.P.REP
 ‘It was warm there (lit. warmth was there) between the two fires.’
 ‘Estava quente lá (lit. calor estava lá) entre os dois fogos.’
 (Aikhenvald 2003: 227)

Observe que em (45) a figura está entre dois fundos não havendo um deslocamento, mas sim uma situação estática entre dois espaços fixos. Em (46) a seguir, a mesma posição apresenta um outro significado ‘acerca de’, que mostra também uma noção estática do espaço,

não absoluta, contudo, o fundo permanece o mesmo, embora haja deslocamento da figura, podendo ser considerada uma situação estática com trocas dinâmicas, uma vez que faz referência ao tempo em que o referente ficou em um determinado local e não à mudança dele.

- (46) Te quatro ora *i-ewhe*-naku
 Até quatro hora INDF-acerca de/mais ou menos-TOP.NON.A/S
 alia-ka-tha-pidana diha-se
 EXIST-sub-FRUST-REM.P.REP ele-LOC
 ‘Since he was there until more or less four o’clock.’
 ‘Já que ele ficou lá até umas quatro horas mais ou menos’
 (Aikhenvald 2003: 227)

Outras adposições espaciais são *wika/wika-se* ‘em cima de’ ela tem sentido estático e pode tomar o locativo *-se*, como ilustrado em (47).

- (47) Yawi dhepu *wika-se*
 Onça ART+CLF: embrulho em cima de-LOC
 Di-wha-pidana
 3SG.NON.FEM-sentar.se-REM.PASS.REP
 ‘The jaguar was sitting on top of the bundle (of palm leaves) (which the man had come to get)’.
 ‘A onça estava sentada em cima do feixe (de folhas de palmeiras) (que o homem veio buscar)’.
 (Aikhenvald 2003: 229)

Aikhenvald ressalta que a adposição *wika* pode também ser usada com combinação de palavras que designam tempo (ex. *dekinawika* (de tarde em cima de) ‘no começo da tarde’) e ela pode também significar ‘rio acima’ (ex. *hanu-pua wika* (grande-CLF:RIO em cima de) ‘rio acima de um grande fluxo’ (cf. Aikhenvald 2003: 229). A posposição *dalipa* ‘próximo de’ exhibe trocas dinâmicas, uma vez que há movimento, contudo, o espaço permanece o mesmo e, por isso, é uma posposição considerada como estática com trocas dinâmicas, como podemos ver em (48).

- (48) Nu-*dalipa* pi-nu pi-ema
 1SG-próximo 2SG-vir 2SG-ficar
 ‘Come and stay near me’
 ‘Venha e fique próximo de mim’
 (Aikhenvald 2003: 229)

Existem na língua Tariana posposições que não carregam prefixos de transreferência e são derivadas de verbos locacionais, são elas: *mayakani* (ser direito/ direito) ‘no lado direito’, *pa-sole-kena* (IMP-carregar+CAUS-TH+CLF:LADO) ‘no lado esquerdo de’ e *pekuri* (IMP+abrir-REL) ‘no meio (de duas coisas)’. Essas posposições vêm com marcadores de caso. Aikhenvald (2003) não dá exemplos de todas as três, apenas de *pekuri*, como ilustrado em (49) abaixo.

- (49) Sewi-wani dia-sita-khani-pidana di-na-nha
 Rápido-CLF:ABSTR 3SG.NF-atirar-longo-REM.P.REC 3SG.NF-obj-PAUS
 Matfia di-thi-da-pe *pekuri* manã
 Bom 3SG.NON.FEM-olhos-CLF:REDONDO-PL entre no meio
 ‘He shot away quickly at him, right in the middle of (the space) between his eyes’.
 ‘Ele atirou rapidamente contra ele, bem no meio (do espaço) entre seus olhos’
 (Aikhenvald 2003: 229)

Essa posposição mostra uma noção de espaço estática, apesar de se tratar de um verbo de ação ‘atirar’ que implica no movimento do projétil, a posposição exibe uma noção estática onde não há um deslocamento do fundo, mas há força, sendo considerada uma posposição estática com trocas dinâmicas. Existem outras posposições com noção estática que não são derivadas e também não carregam prefixos pessoais de transreferência, mas podem tomar marcadores de caso locativo *-se* e sujeito não-tópico *-nuku*, tal como as posposições *pamuña* ‘no meio’ e *lewhe* ‘sobre, mais ou menos’ ilustradas nos exemplos (50) e (51) abaixo.

- (50) Diha hinipu *pamuña*
 ART estrada meio
 Hema-ya-puna-nuku diha-kha-se
 anta-POSS-CLF:ESTRADA-TOP.NON.A/S ART-CLF:CURVADO-LOC
 Hema di-nuka
 anta 3SG.NON.FEM-vir-SUB
 ‘When the tapir comes across the curved (vine) in the middle of the road, on the tapir’s road...’
 ‘Quando a anta se depara com a curva (cipó) no meio da estrada, na estrada da anta...’
- (51) Nese-ya nhepa dekina-se-pidana oito
 Então-EMPH 3PL+moder de tarde-LOC-REM.PASS.REP oito
 Ora *lewhe-se*
 Hora sobre/mais ou menos-LOC
 ‘Then (fish) bit, in the afternoon, about eight o’clock
 ‘Então (peixe) mordeu, na tarde, mais ou menos às oito horas’
 (Aikhenvald 2003: 229)

A posposição *maña* ‘no meio, entre, no centro de’ frequentemente coocorre com outras posposições, ela tem um sentido estático com trocas dinâmicas, pois há movimento da figura, contudo o fundo permanece o mesmo, como podemos ver em (52).

- (52) Di-nu-pidana hinipu *pamuña-ka maña*
 3SG.NON.FEM-vir-REM.P.REP caminho no meio-SUB entre
 di-na di-keta-pidana diha
 3SG.NF-OBJ 3SG.NON.FEM-conhecer-REM.P.REP ART
 iñe-nuku
 diabo-TOP.NON.A/S
 ‘Immediately after he had come to the middle of the road, he (man) met him, the devil.’
 ‘Imediatamente depois que ele chegou ao meio da estrada, ele (o homem) o encontrou, o diabo.’
 (Aikhenvald 2003: 229)

E por fim, a única preposição encontrada na língua Tariana, o *te-* que tem uma função de movimento (A vai até B), apresentando uma noção de deslocamento e mudança de fundo, como observado nos exemplos abaixo.

- (53) ha-niri di-mara di-nu-pidana
 pais-M 3NF-SG-flutuador 3N.F.SG-vir-PASS.REM.REP
te panisi-se
 até casa-NPOSS-LOC
 ‘Father came floating up to the house (lit. Until he got to the house)’
 ‘O pai veio flutuando até a casa (lit. Até chegar em casa)’

- (54) Di-a-pidana **te** diha-na dalipa-se
 3NF.SG-ir-PASS.REM.REP até ART-CLF: VERT próximo-LOC
 ‘He went until near-by the hill (vertical one)’
 ‘Ele foi até perto do morro (vertical)’

(Aikhenvald 2003: 231-232)

Além das adposições que se configuram como espaciais, a língua Tariana exhibe adposições com sentido mais formal, como podemos ver a seguir.

A posposição *aapi* ‘com’ exhibe um sentido comitativo em Tariana, como podemos ver em (55) abaixo.

- (55) Diha-pidena **na:pi** ka-ñha kemhani
 Ele-REM-PASS.REP 3PL+com REL+comer REL+caminhar
 Nekana-ka-pidena diha
 3PL+chefe-DECL-REM-PASS.REP ele
 ‘The one who was eating and walking with them was their chief.’
 ‘Aquele que comia e caminhava com eles era o chefe deles’

(Aikhenvald 2003: 223)

A posposição *siu* ‘para’ tem sentido benefactivo, como ilustrado em (56) a seguir:

- (56) Pi-a phipa ha-phe-nuku
 2SG-ir 2SG-pegar DEM:INAN-CL:FOLHA-TOP.NON.A/S
 Gara i-*siu*
 Gara INDF-para
 ‘Go and bring this book for Gara.’
 ‘Vá e traga este livro para Gara’

(Aikhenvald 2003: 223)

A posposição *yaphini* e *kayu* apresentam o significado ‘como’ que designa uma comparação, como podemos ver em (57) e (58) abaixo.

- (57) Wha yaphini yepo-seri-naka
 Nós como indígena-SINGL-PRES.VIS
 ‘He is an Indian, like us.’
 ‘Ele é um indígena, como nós’

- (58) Pedalia-ma-pe kayu na-dia-pidana
 Velho-CL:FEM-PL como 3PL-torna.se-REM.PASS.REP
 ‘They became like old women.’
 ‘Eles se tornaram como mulheres velhas’

(Aikhenvald 2003: 230-231)

Assim sendo, podemos observar que assim como ocorre em Baniwa, a língua Tariana também exibe predominantemente a noção de espaço estática (com ou sem troca dinâmica) e as trocas dinâmicas ocorrem em apenas dois tipos de adposições *ieriku* e *te*, já as posposições relacionais foram codificadas em quatro tipos morfossintáticos. Adiante verificaremos as adposições em Warekena.

3.2.3 Warekena

A língua Warekena apresenta 7 adposições espaciais e três que são relacionais. Diferentemente do que ocorre com as outras duas línguas, as adposições podem ocorrer tanto como preposições quanto como posposições, contudo o emprego das adposições em uma posição ou outra dentro de uma sentença vai depender de funções sintáticas específicas, especialmente, com respeito às adposições relacionais. Vejamos o Quadro 3, abaixo, que exibe as adposições em Warekena.

Quadro 3. Adposições em Warekena

SEMÂNTICA		RAIZ POSP	GLOSA		
ESPACIAL	Estático	Orientacional	piyatu	antes	
			epine	sob	
			peŋi	em + a = na	
	Dinâmico	Parte do corpo	mana	próximo	
			napi	atrás	
			minaŋi	em	
RELACIONAL	Dinâmico	Orientacional (deslocamento)	iŋiwa	de, longe de	
			Comitativo	epi	com
			Instrumental	ima/iyu	com
	Comparativo	ale	com		

Fonte: Adaptado de Aikhenvald (1998)

Segundo Aikhenvald (1998), as adposições em Warekena são sintagmas pré e pós posicionais (SP). A autora destaca que pessoa, número e gênero são transferenciados nas adposições com prefixos, marcando o objeto indireto. A maioria das adposições funciona tanto como preposições quanto posposições, contudo o emprego delas dentro de uma sentença vai depender de funções e contextos sintáticos específicos, como veremos a seguir.

Iniciando a nossa análise com a adposição *minaŋi* ‘em’, ela será posposição quando o argumento estiver em posição de foco, diferentemente, será preposição. Semanticamente, ela exibe um sentido dinâmico, uma vez que há deslocamento/movimento e mudança de fundo, como podemos ver no exemplo em (59).

- (59) *fa-wa* *nupa-hã-li* *atapi* *ɟuʃi-li*
 ir-NONACC encontrar-PAUS-REL árvore grande-ADJ
ɟuʃi-li *niwe-li* *a:tapi* *wa-hã* *uwa-hã*
 grande-ADJ alto-ADJ árvore CONJ-PAUS subir-PAUS
api-hĩ *matu-le* *matu-le* *uwa-hã* *a:tapi*
 pegar-PAUS copo-POSS copo-PAUS subir-PAUS árvore
minafi
 em+a
 ‘He (the old man) went and found a big tree, a big lofty tree, then he climbed (it),
 he climbed, he took his cup, his cup, he climbed on (this very) tree.’
 ‘Ele (o velho) foi e encontrou uma árvore grande, uma árvore grande e alta, aí ele
 subiu, subiu, pegou o copo dele, o copo dele, subiu na mesma árvore’
 (Aikhenvald 1998: 328)

Assim sendo, a posposição *minafi* em (58) mostra o movimento e deslocamento do fundo (A>B), então podemos afirmar que se trata de uma noção espacial dinâmica. Em (60) e (61), abaixo, *minafi* também tem um sentido dinâmico:

- (60) *Wa* *ni-yeleta-mia-hã* *tawaa-pe*
 CONJ 3PL-chegar-PFV-PAUS 3PL+chegar-PAUS
Wa ***minafi*** *aatapi*
 Até em floresta
 ‘They went until they arrived in the jungle.’
 ‘Eles foram até chegarem na floresta.’
- (61) *Wa* *ni-yeleta-mia-hã* *tawa:pe* *wa:* *uwa-hã*
 1PL 3PL-chegar-PFV-PAUS selva CONJ subir-PAUS
minafi *a:tapi*
 em árvore
 ‘Then they came to the jungle, then he climbed on a tree.’
 ‘Aí eles vieram para a floresta, aí ele subiu em uma árvore.’
 (Aikhenvald 1998: 328)

A adposição *piatu* ‘antes de’ é utilizada para fazer a relação a uma situação em que há trocas dinâmicas, contudo é uma situação estática, uma vez que não há mudança de fundo, como ilustrado em (62).

- (62) *Nu-ɟa* *n-awina-ta* *nu-tsaia-ne* ***piyatu*** *weni*
 1SG-ir 1SG-pegar-CAUS 1SG-roupa-POSS antes chuva
 ‘I shall go and get my clothing before it rains’.
 ‘Vou buscar minhas roupas antes que chova’
 (Aikhenvald 1998: 331)

Observem que *piatu* (*piyatu*) está evidenciando uma situação que ainda vai ocorrer, mas não exhibe nada que possa impor uma força, movimento ou deslocamento do fundo, para que se possa dizer que é dinâmico. Neste caso, *piatu* é considerado como uma adposição com noção estática.

A adposição *epine* ‘sob’ refere-se a uma entidade que está abaixo do fundo, não havendo nenhum tipo de movimento ou deslocamento do mesmo, como podemos ver em (63) abaixo em que *epine* faz alusão para uma noção estática do espaço.

- (63) Wa-hã nyuwita-mia aajĩ *epine*-hẽ waliya
 Então-PAUS 3PL-soprar-PFV fogo sob-PAUS grelha.fumar
 ‘Then they blew the fire under the smoking grid.’
 ‘Então eles sopraram o fogo sob a grade fumegante’
 (Aikhenvald 1998: 331)

A adposição *pefi* ‘em’, embora possa exibir uma troca dinâmica, não há movimento e nem deslocamento do fundo, o que ocorre é apenas a alusão ao local fixo, ou seja o fundo onde a ação ocorreu, como ilustrado no exemplo (64) abaixo.

- (64) Wa muřita-mia ema ibu *pefi*
 Então morder-PFV anta cabeça em
 ‘The he (the turtle) bit the tapir on the head.’
 ‘Ele (a tartaruga) mordeu a anta na cabeça’ (Aikhenvald 1998: 332)

Quando o falante discursa que a tartaruga mordeu a anta na cabeça, ele não exprime nenhum tipo de movimento e não há referência para um deslocamento ou mudança do fundo. Sendo assim, a noção espacial estática está sendo utilizada nessa sentença. A posposição também se refere para um lugar e campo intrínseco, além disso, a sua distância também é curta, tendo uma dimensão próxima (A toca em B), características que definem uma noção estática do tempo.

As duas adposições que são derivadas de partes do corpo *mana* ‘lado de’ e *napi* ‘atrás de’ exibem uma noção estática do espaço com trocas dinâmicas, uma vez que há movimento da figura, contudo o fundo continua o mesmo, como podemos verificar nos exemplos a seguir.

- (65) Wa ni-yuluta-wa *mana*-hã malayu
 Então 3PL-deitar-se-NONACC lado.de – PAUS veado
 ‘Then they (turtles) lay down near the deer (lit.: at deer's side)’
 ‘Então elas (tartarugas) deitaram-se ao lado do veado’

- (66) Nu-tani nupa pi-*mana*-waba
 1SG-criança vir 2SG-lado-DIR
 ‘My child came near you (or: to your side)’
 ‘Meu filho chegou perto de você (ou: ao seu lado)’

- (67) Nu-tani nupa-hã nu-*napi*-wene
 1SG-criança vir-PAUS 1SG-atrás de-EL
 ‘My son comes from behind me.’
 ‘Meu filho vem detrás de mim.’

(Aikhenvald 1998: 328-334)

E por fim, a posposição *ifiwa* ‘de, longe de’ que tem também o significado que implica movimento e deslocamento do fundo, o que podemos classificá-la como dinâmica, como podemos ver em (68) abaixo.

- (68) Payalu-ni wa ni-yuleta-mia *ifiwa* mina-liana
 Todos-3PL CONJ 3PL-retornar-PFV de corpo-MASC
 pani-ři ni-pane-waba
 casa-NON.POSS 3PL-casa-DIR
 ‘Then all returned, they returned away from the house of the owner to their houses’
 ‘Então todos voltaram, voltaram da casa do dono para suas casas.’

Além das adposições espaciais, a língua Warekena exibe também adposições que têm funções morfossintáticas. A posposição *epi* ‘com’ tem sentido comitativo, isto é, ocorre com sentido que exprime companhia, o mesmo sentido pode ser empregado também para *ima*, porém, esta última além de expressar o sentido ‘com’, exprime também o significado de ‘por’. Os exemplos, a seguir, ilustram o uso dessas adposições.

- (69) Ema mai-na-wa *epi* epi wafĩ
Anta lutar-REFL-NON.ACC com com onça
‘The tapir fought with him, with jaguar.’
‘A anta lutou com ele, com onça.’

- (70) ja muta-hã ñamali-nawi ni-nupa-palu
ir chamar-PAUS povo-PL 3PL-vir-PURP
yuwaba-hã ne-palu ne-palu-pafĩa *ima*
para-PAUS 3PL+comer-PURP 3PL+comer+PURP+FUT com
‘He will call many people to eat with him.’
‘Ele chamará muitas pessoas para comerem com ele.’

(Aikhenvald 1998: 329)

Ima também pode ter um sentido de ‘com’ instrumental quando é uma preposição, como podemos ver em (70) abaixo.

- (71) wa-uwa aparelju *ima*
CONJ-subir máquina com
‘Then he (a worker) climbs (a tree) with a machine (to extract sap).’
‘Aí ele (trabalhador) sobe (em uma árvore) com uma máquina (para extrair seiva).’
(Aikhenvald 1998: 330)

Outra adposição que tem o sentido de ‘com’ instrumental é *iyu*, ilustrado em (71) a seguir.

- (72) Malieli wiyua-ta-mia-hã wiyua-li *iyu*
Xamã morrer-CAUS-PFV-PAUS morrer-NOM com
‘The shaman killed (someone) with poison.’
‘O xamã matou (alguém) com veneno’
(Aikhenvald 1998: 331)

A adposição *ale* tem o sentido comparativo ou similitivo que exprime noção de ‘(ser)como’, conforme podemos ver em (72).

- (73) Amani *ale* eiti wa walehe wa
Seiva como leite CONJ cozinhar+PAUS CONJ
tepa-miehe fĩa-wa *ale* fĩkali-le
duro-PFV+PAUS ficar-NONACC como parede-AFF
‘Sap is like milk, one cooks (it), and it will become hard like a wall.’
‘A seiva é como o leite, cozinha-se e ficará dura como uma parede.’
(Aikhenvald 1998: 331)

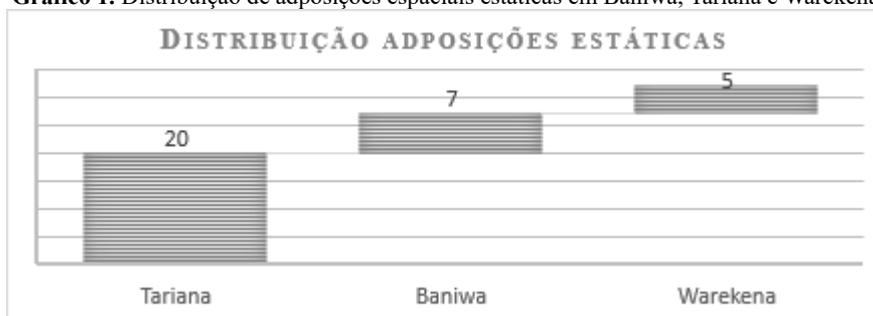
A língua Warekena exibe sete adposições com sentido espacial e três que são relacionais. Assim, como ocorre em Baniwa e Tariana, a língua Warekena também exibe com maior predominância adposições com sentido estático, e apenas duas com sentido dinâmico. A seguir,

verificaremos os padrões encontrados para a expressão de noções espaciais nas línguas de análise.

4. Padrões tipológicos de noções espaciais nas línguas de análise

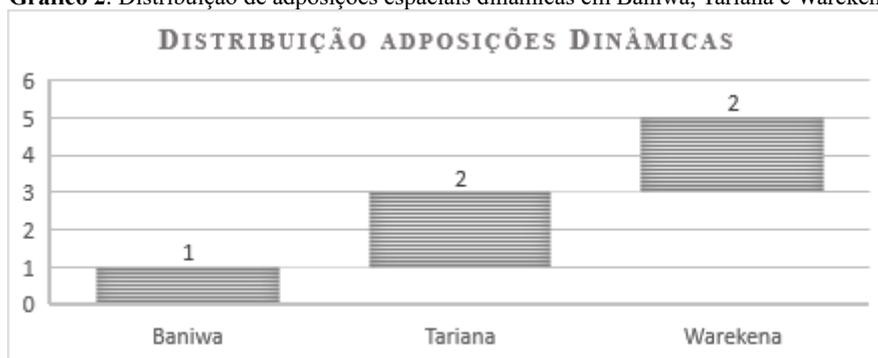
As línguas Aruák analisadas neste estudo exibem um padrão regular de adposições, com poucas modificações. Baniwa e Tariana exibem posposição como um padrão regular enquanto Warekena tem tanto preposição quanto posposição. As adposições que têm relações espaciais estáticas são predominantes nas três línguas, contudo a distribuição é diferente, sendo Tariana com maior número (totalizando 20 posposições estáticas, seguido de Baniwa com 7 e, por último, Warekena com 5). No que diz respeito às adposições dinâmicas elas não são recorrentes, sendo encontrada 1 em Baniwa e 2 em Tariana e Warekena. Os gráficos 1 e 2, a seguir, exibem a distribuição das adposições por relações espaciais estáticas e dinâmicas, respectivamente, nas línguas de análise.

Gráfico 1. Distribuição de adposições espaciais estáticas em Baniwa, Tariana e Warekena



Fonte: Autoras 2024

Gráfico 2. Distribuição de adposições espaciais dinâmicas em Baniwa, Tariana e Warekena



Fonte: Autoras 2024

Já no que diz respeito às adposições com sentido relacional, ou seja, que apresentam funções morfossintáticas, a língua Tariana exibe mais formas, isto é, 5 ocorrências, enquanto Baniwa e Warekena exibem apenas 3 tipos. O quadro 4, a seguir, ilustra a distribuição das adposições relacionais nestas línguas.

Quadro 4. Distribuição de adposições relacionais nas línguas de análise

Relacionais	Baniwa	Tariana	Warekena
Comitativo	✓	✓	✓
Instrumental	✓	×	✓
Benefactivo	✓	✓	×
Causal	×	✓	×
Locativo (lugar)	×	✓	×
Comparativo	×	✓	✓

Fonte: Autoras 2024

Em relação aos cognatos adposicionais entre essas línguas foram encontradas apenas três ocorrências, como podemos verificar no quadro 5 abaixo.

Quadro 5. Cognatos adposicionais nas línguas analisadas

Baniwa	Glosa Baniwa	Tariana	Glosa Tariana	Warekena	Glosa Warekena
aapi	‘embaixo de’	aapi	‘com’	epi	‘com’
peedza	‘em frente de’	peya	‘antes de’	peŋi	‘em’
		maña	‘perto de’	mana	perto de (lado)

Fonte: Autoras 2024

Assim sendo, verificamos três adposições que são semelhantes na forma, *aapi* e *peedza* (*peya*) nas três línguas e *maña* em Tariana e Warekena. Porém, os significados são parcialmente distintos, como mostra o quadro 5 acima. Em Baniwa, *aapi*, apesar de ter a mesma forma como nas outras duas línguas, apresenta significado e função sintático-semântica diferentes. Nesta língua, a forma *aapi* é uma adposição estática enquanto em Tariana e Warekena é uma adposição relacional, com sentido comitativo. Já *peedza* exibe significados diferentes nas três línguas, e por fim, *maña* é presente em Tariana e Warekena e apresenta o mesmo significado em ambas as línguas. No mais, não foi possível verificar outras formas cognatas de adposições nos materiais verificados. Deste modo, um passo futuro e interessante na análise das adposições espaciais é a realização de um estudo comparativo e diacrônico sobre as adposições espaciais nas línguas Aruák para verificar possíveis cognatos dentro da família e o desenvolvimento histórico das formas atuais.

Como observou-se no presente artigo, a expressão de noções espaciais é um padrão tipológico presente nas línguas Aruák analisadas. Como já mencionado aqui, as noções de espaços não são apenas referenciadas por adposições, outras classes gramaticais são utilizadas também, tais como demonstrativos, verbos locativos, casos, nominais espaciais, classificadores.

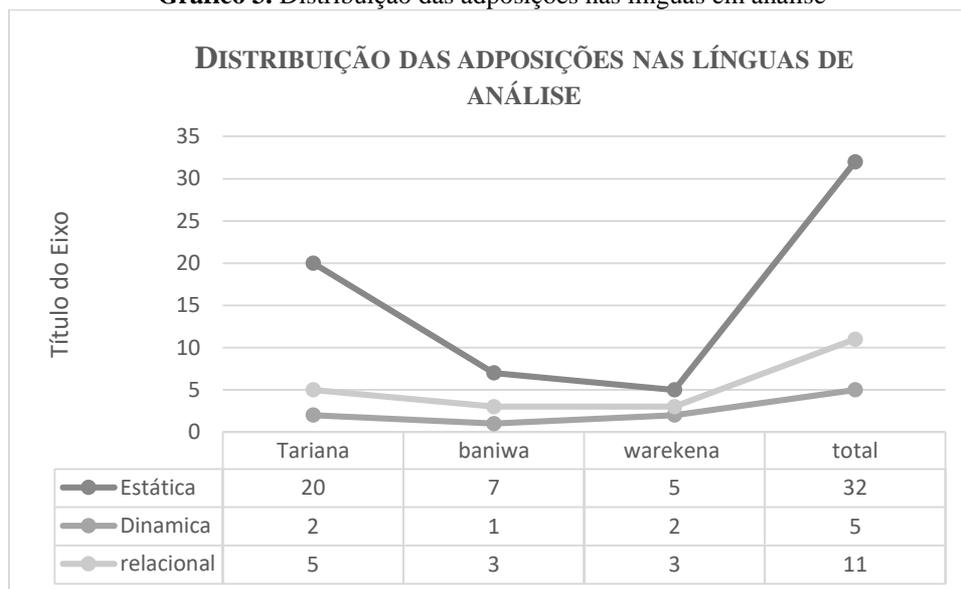
Nesta pesquisa, apesar de apenas focarmos nas adposições, os resultados encontrados nos dão um norte para novas pesquisas da gramática do espaço, envolvendo outras classes gramaticais. Esse artigo delimitou-se apenas a três línguas da família Aruák, porém, uma pesquisa posterior já está sendo pensada, para que assim, possa abranger um número maior e significativo dos idiomas dessa família, contribuindo para os estudos de gramática do espaço em línguas indígenas e, por conseguinte, nas línguas do mundo.

5. Conclusões

O presente artigo apresentou as adposições espaciais de três línguas Aruák faladas no noroeste amazônico: Baniwa, Tariana e Warekena. O foco neste trabalho foi analisar esses tipos de adposições e suas distribuições nessas línguas. Infelizmente, a questão da noção de expressão espacial em línguas indígenas é um tema que ainda é pouco estudado, pois as descrições são reduzidas e muitas delas apenas focam na questão morfosintática, deixando de lado a questão semântica, um aspecto importante nos estudos de gramática do espaço. Esse

estudo mostrou que a codificação da relação espacial estática tem uma tendência maior nas línguas de análise. Com relação à noção dinâmica do espaço, ela não é frequente, totalizando 4 adposições. As adposições relacionais ocorrem em 5 casos morfossintáticos em Tariana, já em Baniwa e Warekena foram encontrados 3 tipos. Dessa forma, totalizamos 32 casos de adposições estáticas, 5 dinâmicas e 11 relacionais, como ilustrado no gráfico 3 a seguir para melhor visualização.

Gráfico 3. Distribuição das adposições nas línguas em análise



Fonte: Autoras 2024

As adposições, muitas vezes, vêm acompanhadas de marcadores de casos que expressam uma noção espacial, os mais comuns são: ablativos, elativos e locativos. Existem adposições que são derivadas de partes do corpo humano, isso foi observado nas três línguas investigadas. As línguas Baniwa e Tariana exibem mais adposições do tipo posposição, enquanto Warekena tende a ter em um mesmo grau de ocorrência preposições e posposições.

Ademais, esperamos que os resultados preliminares do presente estudo possam colaborar com novas pesquisas, envolvendo a gramática do espaço e suas codificações, principalmente no que tange às línguas amazônicas, onde ainda é necessário um estudo mais sistematizado e condensado desse aspecto em estudos descritivos e tipológicos da GE.

Referências

- Aikhenvald, Alexandra Y. (1998). Warekena. In Desmond C. Desbyshire; Geoffrey K. Pullum (eds.), *Handbook of Amazonian languages*, pp. 215-439. Mouton de Gruyter.
- Aikhenvald, Alexandra Y. (1999). The Arawak language family. In Dixon, R. M. W; Aikhenvald, Alexandra. Y. (eds.), *The Amazonia languages*, pp. 65-106. Cambridge University Press.
- Aikhenvald, Alexandra Y. (2003). *Grammar of Tariana*. Cambridge University Press.
- Aikhenvald, Alexandra Y. (2018). ‘Me’, ‘us’, and ‘other’ Expressing the self in Arawak languages of South America with a focus on Tariana. In Minyao Huang; Kasia M. Jaszczolt (eds.), *Expressing the Self*, pp.13-38. Oxford University. <https://doi.org/10.1093/oso/9780198786658.003.0002>
- Aikhenvald, Alexandra Y.; Dixon, R. M. W. (eds.) (2017). *The Cambridge handbook of linguistic typology*. Cambridge University Press.

- Brewer, Brill; Pears, Julian (1993). General introduction: Frames of reference. In Noamy Eilan; Rosaleen McCarthy; Brill Brewer (eds.), *Spatial representation: Problems in philosophy and psychology*, pp.25-30. Oxford; Cambridge Maas.: Blackwell.
- Blühndorn, Hardarik (1999). *A codificação de informação espacial: no Alemão e no Português do Brasil: Adposições e advérbios como meios para especificar relações espaciais* (Tese de doutorado em linguística). Universidade de São Paulo. <https://doi.org/10.11606/T.8.1999.tde-22092022-112915>
- Carvalho, Fernando O. de. (2009). On the genetic kinship of the languages Tikúna and Yurí. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica* 1(2): 247-268. <https://doi.org/10.26512/rbla.v1i2.12369>
- Chacon, Thiago C.; Cayón, Luis A. (2013). Considerações sobre a exogamia linguística no Noroeste Amazônico. *Revista de Letras* 6(1/2): 6-20. Disponível em <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RL/article/view/5051>
- Dryer, Matthew S. (2013). Order of adposition and noun phrase. In Matthew S. Dryer; Martin Haspelmath (eds.), *WALS Online* (v2020.3) [Data set]. Zenodo. <https://doi.org/10.5281/zenodo.7385533> Available online at <http://wals.info/chapter/85>
- Epps, Patience; Salanova, Andrés P. (2012). A linguística Amazônica hoje. *Liames-Línguas Indígenas Americanas* 12: 7-37. <https://doi.org/10.20396/liames.v0i12.1481>
- Epps, Patience; Stenzel, Kristine (eds.) (2013). *Upper Rio Negro: Cultural and linguistic interaction in Northwestern Amazonia*. Rio de Janeiro: Museu do Índio – FUNAI, Museu Nacional.
- Epps, Patience; Michael, Lev (2023). Introduction: The languages of Amazonia. In Patience Epps; Lev Michael (eds.), *Volume 1 Language Isolates I: Aikanã to Kandozi-Shapra: An International Handbook* (pp. xvii-lxii). De Gruyter Mouton. <https://doi.org/10.1515/9783110419405-203>
- Guerrero-Beltran, David F. (2019). *The grammar of space in Karijona, a Cariban language from Northwest Amazonia* (Master of Arts in Linguistics). Universidade Nacional de Colômbia. Disponível online: <https://repositorio.unal.edu.co/handle/unal/75983>
- Hickmann, Maya; Robert, Stéphane (eds.) (2006). *Space in language: Linguistic systems and cognitive categories* [Typological Studies in Language 66]. John Benjamins Publishing Company. <https://doi.org/10.1075/tsl.66>
- Levinson, Stephen C. (2004). *Space in language and cognition: Exploration in cognitive Diversity* [Language, Culture & Cognition Series 5]. Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511613609>
- Levinson, Stephen; Wilkins, David P. (2006). *Grammars of space: Explorations in cognitive diversity* [Language, Culture & Cognition Series 6]. Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511486753>
- Mani, Inderjeet; Pustejovsky, James (2012). *Interpreting motion: Grounded representation for spatial language* [Explorations in Language and Space]. Oxford University Press.
- Meira, Márcio (2018). *O noroeste amazônico. A persistência do aviamento: colonialismo e história indígena no Noroeste Amazônico* [online]. EdUFSCar, pp. 55-88. <https://doi.org/10.7476/9786586768435.0005>
- Miranda, Camille C. (2023). *Estudo morfológico em línguas Arawak: uma abordagem tipológica* (Tese de doutorado em linguística). Universidade Estadual de Campinas. Disponível online <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/1342902>
- Nikolin, Andrey (2020). Proto-Macro-Jê: um estudo reconstrutivo (Tese de doutorado em linguística). Universidade de Brasília. Disponível em <http://repositorio2.unb.br/jspui/handle/18482/38893>
- Ospina-Bozzi, Ana María (ed.) (2013). *Expresión de nociones especiales en lenguas Amazónicas* Publicaciones del Instituto Caro y Cuervo [Serie Coediciones 2]. Universidad Nacional de Colombia.
- Ramirez, Henri (2001a). *Uma gramática do Baniwa do Içana* (sine loco).
- Ramirez, Henri (2001b). *Línguas Aruák da Amazônia Setentrional*. Comparação e descrição. Editora da Universidade do Amazonas.
- Rhee, Seongha (2021). *Linguistic forms at the border of lexis and grammar: Grammaticalization of adposition across language*. Global Contents Publishing.

- Rodrigues, Aryon D. (1970). Línguas ameríndias. In *Grande Enciclopédia Delta Larouse*, pp. 4034-4036. Editora Delta.
- Svorou, Soteria (1994). *The grammar of space* [Typological Studies in Language 25]. John Benjamins Publishing Company. <https://doi.org/10.1075/tsl.25>
- Seifart, Frank; Echeverri Juan Alvaro (2014). Evidence for the identification of Carabayo, the language of an uncontacted people of the Colombian Amazon, as belonging to the Tikuna-Yurí linguistic family. *Plos One* 9(4): e94814. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0094814>
- Talmy, Leonard (2000a). *Toward a cognitive semantics, volume 1: Concept Structuring Systems*. MIT Press. <https://doi.org/10.7551/mitpress/6847.001.0001>
- Talmy, Leonard (2000b). *Toward a cognitive semantics*. MIT Press. Disponível em <https://www.acsu.buffalo.edu/~talmy/talmyweb/TCS.html>
- Vandeloise, Claude (2006). Are there spatial prepositions? In Maya Hickmann; Robert Stéphane (eds.), *Space in languages: linguistics systems and cognitive categories*, [Typological Studies in Language 66], pp. 137-154. John Benjamins Publishing Company. <https://doi.org/10.1075/tsl.66>

Abreviaturas

1,2,3	primeira, segunda e terceira pessoa
A	argumento
ABL	ablativo
ABSTR	<i>abstract</i> (= resumo)
ADJ	adjetivo
AFF	afetivo
AL	alativo
ANIM	animado
ANT	antes
ART	artigo
AUX	auxiliar
CAUS	causativo
CLF	classificador
CONJ	conjunção
DECL	declinação
DEIT	dêítico
DEM	demonstrativo
DIM	diminutivo
DIR	direcional
DUR	durativo
EL	elativo
EMPH	enfático
EXIST	existir
FEM	feminino
FOC	foco
FUT	futuro
FRUST	frustrativo
IMP	impessoal
INDF	indefinido
INS	instrumental
LOC	locativo
MED	média (voz média)

NOM	nominativo
NON	não
NEG	negação
NMLZ	nominalização
NCL	classe nominal (<i>nominal categorization</i>)
OBJ	objeto
PAUS	pausa
PASS	passado
PEJ	pejorativo
PERST	perstivo
PRES	presente
PREP	preposição
PFV	perfectivo
PROP	proposição
PL	plural
POSS	posse
POSP	posposição
PURP	<i>purposive</i> (= propósito, intencional)
REL	relativo
REP	repetitivo
REM	remoto
S	sujeito
SG	singular
SINGL	<i>single</i> (= único)
SUB	subordinação
TOP	tópico
TH	tema
VIS	visual

CRediT – Taxonomia de funções de colaboração acadêmica**Agradecimentos**

Agradecemos especialmente ao Programa de Capacitação Institucional no Museu Paraense Emílio Goeldi (PCI/MPEG) pela bolsa concedida.

Agradecemos aos revisores Pares Anônimos da LIAMES pelas valiosas sugestões, que nos permitiram melhorar o nosso texto.

Declaração de conflito de interesse

Não há conflitos de interesse

Contribuição das autoras

Concepção da pesquisa, análise e redação do artigo pelas autoras.

Ética em pesquisa com seres humanos

Não se aplica

Financiamento da pesquisa

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Camille Cardoso Miranda recebeu apoio de Bolsa por seis meses do Programa de Capacitação Institucional no Museu Paraense Emílio Goeldi (PCI/MPEG)

Ana Vilacy Galucio é bolsista de produtividade em pesquisa 2 do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Submissão recebido 16/12/2023

Versão revista e corrigida: 4/7/2024

Aceito: 10/7/2024

Publicado 10/7/2024